

# Sarney vai à TV pedir entendimento

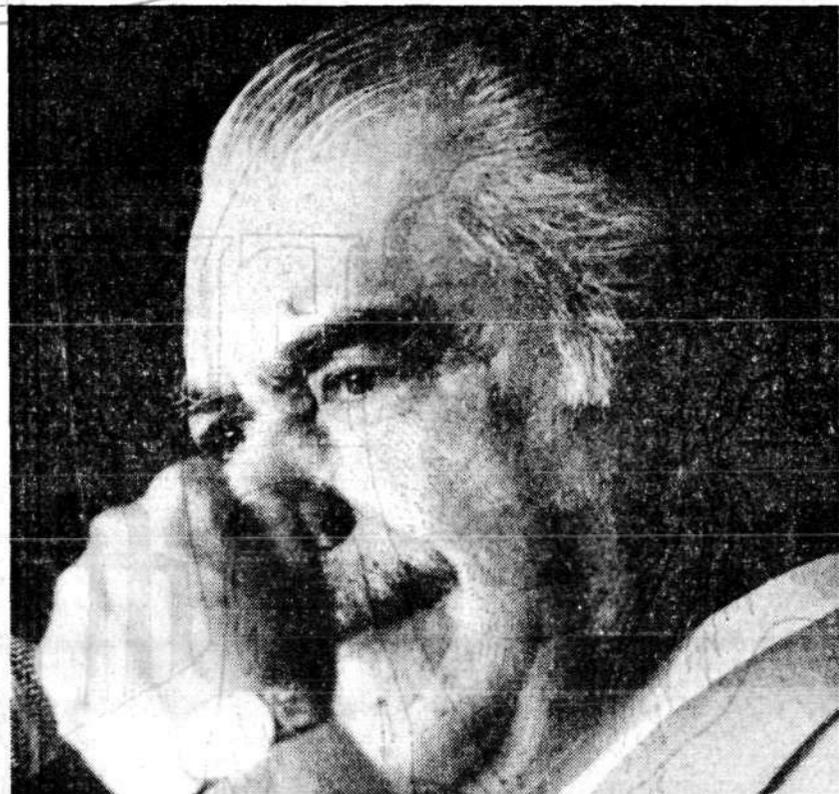
BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney ocupa hoje, a partir das 19h55, uma cadeia nacional de rádio e televisão para fazer um novo apelo de entendimento com os trabalhadores, que será compensado com a garantia, do governo, de que submeterá às lideranças sindicais dispostas ao diálogo todas as decisões de caráter social.

O pronunciamento do presidente, para marcar o Dia do Trabalho, foi gravado ontem de manhã no Palácio do Planalto e terá oito minutos de duração. Nele, segundo informações de funcionários do governo, Sarney vai enumerar as conquistas dos trabalhadores durante a sua gestão, não estando descartada a hipótese de o presidente anunciar também um abono para compensar o aumento do preço do pão que a retirada do subsídio ao trigo provocou. Fontes do Planalto confirmaram ontem a existência de estudos nesse sentido, mas o porta-voz do presidente, Carlos Henrique Santos, evitou confirmar a medida alegando que qualquer especulação retiraria o sentido do pronunciamento.

Na semana passada, a fixação de um abono para os trabalhadores de baixa renda foi reivindicada pelos presidentes dos sindicatos dos Metalúrgicos e dos Eletricitários de São Paulo, Luiz Antonio Medeiros e Antonio Rogério Magri. Durante reunião na Granja do Torto, os sindicalistas saíram com a promessa de que o assunto seria examinado pelo Ministério da Fazenda.

O encontro com os sindicalistas tomará grande parte do pronunciamento do presidente da República, que, embora não mencione as centrais sindicais (CUT, CGT e USI), nem a palavra "pacto", fará uma proposta de entendimento, prometendo manter as portas do Planalto permanentemente abertas ao diálogo. Segundo assessores de Sarney, o convite sempre esteve de pé mas foi recusado pela CUT. A iniciativa dos sindicalistas de São Paulo que participaram da reunião do Torto na semana passada será bastante elogiada pelo presidente.



Reginaldo Manente

**Sarney pode anunciar abono para compensar o aumento do pão**

Sarney repetirá ainda, a promessa de manter a URP como garantia contra a inflação para os trabalhadores da iniciativa privada, e de não repetir o congelamento para o funcionalismo público, cujo prazo vai até 1º de junho. O presidente dirá que esse direito foi conquistado pelos próprios trabalhadores, como fruto do diálogo, numa alusão de que as alternativas para adotar uma nova política salarial foram engavetadas a partir da reunião na Granja do Torto. Na opinião do presidente, foi "uma semana rica" para os trabalhadores.

## ARRAES

Em Recife o governador Miguel Arraes informou que não vai participar de nenhuma festividade programada para este 1º de Maio, por

não aceitar a divisão das centrais trabalhistas que, desta vez, comemorarão a data separadamente.

Durante todo o dia de hoje uma mensagem do governador será veiculada pelas emissoras de rádio, admitindo que há um quadro nacional de crise, mas assegurando que "este quadro não deve ser causa da divisão ou desagregação das forças populares, capazes de extrair da crise os instrumentos necessários para superá-la". Arraes diz ainda que "só com a força de sua unidade e organização os trabalhadores serão participantes desse processo".

No ano passado Arraes participou das comemorações da programação unificada da CUT, CGT e USI, dos partidos políticos de esquerda e mais o PFL.

## No País, manifestações frias

SERVIÇO LOCAL  
E AGÊNCIA ESTADO

A manutenção da Unidade de Referência de Preços (URP), reposição salarial, eleições gerais ainda este ano e a greve dos funcionários públicos e de estatais, marcada para terça-feira, devem ser os pontos de destaque das comemorações do Dia do Trabalho, hoje, em todo o País.

A decisão do presidente José Sarney, de manter a URP para os trabalhadores em empresas privadas e não prorrogar o congelamento para os funcionários públicos esvaziou as manifestações de caráter político, reconhecem lideranças sindicais. "Será um 1º de Maio frio por fora e gelado por dentro", lamenta um sindicalista paranaense.

Em São Paulo, mais do que nunca divididas, a Central Única dos Trabalhadores e a Central Geral dos Trabalhadores promovem atos em pontos bem distantes entre si. A CUT estará na praça da Sé, em São Bernardo do Campo, Campinas e São José dos Campos. A CGT concentrará sua manifestação na sub-sede do Sindicato dos Metalúrgicos, no bairro da Lapa, Capital.

As diferenças são evidentes, também, nas propostas que as duas centrais sindicais deverão dar ênfase. "Sarney é o pai da desgraça", define Gilmar Carneiro, membro da executiva nacional da CUT. Nas concentrações comandadas pela entidade, a palavra de ordem será "Fora Sarney", com a defesa da eleição para presidente ainda este ano.

"De que adiante ficar gritando fora Sarney", rebate Ubiracy Dantas de Oliveira, secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, preocupado em dar um sentido mais sindical ao 1º de Maio: "O que queremos é salário", afirma, in-

corporando-se ao sindicalismo de resultados.

A CUT também destacará as reivindicações econômicas, "só que com um significado mais profundo", ressalta Gilmar Carneiro. Com base em dados do Dieese, afirma que o salário mínimo está no nível mais baixo desde sua criação, em 1940, e quatro vezes menor que o de 1957. Para readquirir o poder aquisitivo de 1982, afirma, os trabalhadores precisariam da reposição de todas as perdas a partir de maio de 86, ganho real de 5% ao ano, e mesmo assim aquele objetivo só seria alcançado no ano 2008.

Se essa matemática "trágica", eleições gerais e outras reivindicações não são suficientes para atrair os trabalhadores neste domingo, a CUT investiu bastante em outros atrativos. Na praça da Sé, nove artistas e grupos de música se apresentam a partir das 10 horas. Devem discursar representantes do PT, PC do B, CUT, sindicatos e de diversos movimentos populares. O convidado especial é o líder comunista Luís Carlos Prestes.

O presidente Nacional da CUT, Jair Meneguelli, deverá ir ao Rio, para reforçar a mobilização do funcionalismo para a greve. E o presidente nacional do PT, Luís Inácio Lula da Silva, cancelou sua participação, por causa da cirurgia a que se submeteu.

No ABC, a partir das 13 horas, no paço municipal de São Bernardo, se apresentam Almir Sater, Raíces de América, Lecy Brandão e outros.

Na Lapa, a estrela maior será o próprio presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antonio Medeiros. "Não há figurões, mas povão", diz Ubiracy Dantas, que oferecerá chope e muito pagode para animar a festa.

Muitos protestos e pouca festa é o que prometem as centrais na Baixada Santista. A CUT estará na praça Jerônimo La Terza, a CGT em recintos fechados.

CUT E CGT JUNTAS

O 1º de Maio unificado da CUT e CGT, no Rio, será realizado na Quinta da Boa Vista, com a participação de um representante de cada central. O ato terá dez horas de duração e deverá concentrar-se, principalmente, na mobilização dos servidores públicos para a greve de 48 horas a partir de terça-feira.

Também em Porto Alegre, as centrais estarão unidas, pela primeira vez na história das relações entre CUT e CGT. Um show será realizado no auditório municipal Araújo Vianna. As centrais esperam reunir três mil trabalhadores. Os organizadores distribuíram 80 mil panfletos convidando a população. Os presidentes regionais da CGT, José Carlos Schulte, e da CUT, Gilmar Pedruzzi, destacaram que o ato unificado "significa que estamos vivendo novos tempos, numa luta conjunta, que rejeita a participação em lutas isoladas".

Um ato público no Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte-Contagem, a partir das 10 horas, discutirá a paralisação da categoria nos dias 3 e 4, em protesto contra o arrocho salarial. Esta a principal manifestação do Dia do Trabalho em Minas.

No Distrito Federal, acontecerão torneios, shows, homenagens nas sete cidades satélites, segundo a programação oficial. Já os sindicatos organizaram um ato de protesto em frente ao Palácio do Planalto, em área não liberada para comício.

"Um 1º de Maio frio por fora e gelado por dentro." A definição reflete o desânimo do presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria do Paraná, Matias Martins, para o que espera ver hoje no Estado: nenhuma manifestação conjunta de trabalhadores. "Falta unidade sindical", justifica. Nem mesmo a tradicional festa oficial acontecerá. O governador Alvaro Dias e o prefeito de Curitiba, Roberto Requião, não têm qualquer atividade programada.